



Levantamento da Avifauna da Trilha Ecológica do Farol



Levantamento da Avifauna de Imbituba: Trilha Ecológica do Farol

Neste trabalho são discutidos os registros de aves feitos no município de Imbituba, uma região carente de estudos e que vem passando por um acelerado processo de expansão imobiliária, devido ao crescimento do turismo. Este levantamento deu suporte a identificação de espécies encontradas na Trilha Ecológica do Farol.

Metodologia

O levantamento da avifauna na Trilha Ecológica do Farol se fez através de observação direta das espécies de aves e através de registro bibliográfico. Procurou-se percorrer trilhas a pé em várias localidades da área de estudo..

A identificação das espécies podia ser feita visualmente, ou através de vocalizações. Entre os guias usados estão Dunning (1987), Narosky e Yzurieta (1987), de la Peña e Rumboll (1998) e livros mais amplos como Ridgely e Tudor (1989 e 1994) e Sick (1997).

Também foram levantadas informações sobre a avifauna local junto a alguns moradores da área. Não foi possível inventariar as espécies de hábitos noturnos por limitações logísticas.

As espécies foram consideradas comuns quando registradas em mais da metade das saídas e encontradas nos registros bibliográficos; muito comuns ou abundantes quando registradas em 75% ou mais delas. A classificação taxonômica utilizada segue o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2005).

Espécies registradas em campo e bibliografias

Ordem Galliformes Família Cracidae

Ortalis guttata (aracuã) – Ave facilmente vista e ouvida, aparecendo em matas, borda de matas e restingas arbóreas. Segundo os moradores locais, a espécie teria voltado a ocorrer na área após a diminuição da pressão de caça.

Alimentação: alimentação de frutos e folhas, sendo excelentes dispersores de sementes.

Nidificação: os ninhos são construídos como plataformas de folhetos de palma forrado com folhas secas, grama e pequenos ramos em ramos de árvores baixas localizadas em campo gramado aberto, e em borda secundária de mata, em média 90 cm acima do chão. Cada ninho pode conter de 1 a 3 ovos.



Ordem Sphenisciformes Família Spheniscidae

Spheniscus magellanicus (pingüim-de-magalhães) – Aparece no inverno, quando muitos indivíduos, principalmente jovens, acabam morrendo nas praias.



Ordem Pelecaniformes

Família Sulidae

Sula leucogaster (atobá) – Registrada em todas as estações do ano.

Alimentação: alimentação de espécies marinhas, como pequenos peixes e crustáceos.

Nidificação: nidifica principalmente nas ilhas próximas. Os ninhos são feitos com plumas e pedras no chão.



Família Phalacrocoracidae

Phalacrocorax brasilianus (biguá) – Ave ao longo de todo o ano. Também pôde ser vista na praia, muitas vezes atravessando o mar em direção a ilha Santana de Dentro.



Alimenta-se de peixes e crustáceos. Para capturar sua presa, mergulha a partir da superfície da água e, submerso, persegue-a. Os pés e o bico têm função primordial na perseguição e captura.

Família Fregatidae

Fregata magnificens (fragata, tesourão) – Vista em quase todos os meses de amostragem. Observada nas praias da região, mas às vezes também sobrevoando áreas do continente.

Alimentação: Alimentam-se, principalmente de peixes voadores e lulas capturados na superfície do mar, de tartarugas jovens, ovos e filhotes de aves, peixes e caranguejos descartados por barcos pesqueiros.

Nidificação: nidifica nas ilhas próximas. Apenas um ovo é posto no ninho de gravetos solidificado através de fezes. O casal incuba o filhote alternadamente durante 40 dias.



Ordem Ciconiformes

Família Ardeidae

Butorides striata (socozinho) – Espécie observada em duas saídas próximas ao farol.



Alimentação: peixes, anfíbios, pequenos répteis e invertebrados capturados dentro d'água. Como técnica de pesca, fica parado à espreita, equilibrando-se num galho a baixa altura, próximo da borda d'água; inclina-se para frente até o bico encostar n'água e nesse momento apanha a presa.

Nidificação: constroem uma plataforma de galhos finos e grossos, colocada numa árvore, 5 a 10 m do solo. Neste ninho, a fêmea põe 3 ou 4 ovos verde-pálidos ou azuis, medindo 38 x 29 mm. O período de incubação é de 21 a 23 dias.

Syrigma sibilatrix (maria-faceira) – Registrada em boa parte do ano, em áreas de restinga herbácea, sempre em áreas mais úmidas.

Anda a passos largos e bem calculados, como se observasse um perigo ou uma oportunidade. Espécie insetívora. Faz ninhos sobre as árvores, ou arbustos, em ilhas, e põe ovos levemente manchados. Muito diferente das outras espécies de família. Sua voz é um sibilo melodioso repetido sem pressa, que é emitido com o bico largamente aberto e o pescoço esticado.



Ordem Cathartiformes

Família Cathartidae

Coragyps atratus (urubu-comum) – Ave bastante comum por toda a área de estudo, facilmente observada sobrevoando os diversos ambientes, registrada o ano todo.



Alimentação: animais mortos em decomposição ou, ocasionalmente, vivos, indefesos ou jovens. Alimenta-se também de ovos, frutos maduros e vegetais em decomposição. Utiliza a visão para localizar o alimento. Os urubus têm importante papel sanitário, pois retiram material orgânico em decomposição da superfície do solo.

Nidificação: constroem o ninho no solo, entre vegetação densa ou espinhosa, podendo utilizar cavidades sob rochas ou árvores, raramente a mais de 50 cm de altura. Os 2 ovos, que medem 67 x 50 mm, são de cor cinza ou verde-pálida, com larga mancha marrom e listas negras num dos pólos e mancha marrom, em forma de lágrima, no outro. O casal incuba os ovos, durante 32 a 39 dias e quando nascem os filhotes regurgita-lhes o alimento liquefeito, de odor desagradável. O filhote ao nascer apresenta uma penugem amarelada e o bico reto colorido de azul-escuro; após 3 semanas sua cor é branco-rosada, com uma estreita faixa negra circundando a cabeça e as pernas são azuladas; um mês depois, com o tamanho de uma galinha, sua plumagem é castanho-clara, mostrando algumas penas negras. Aos 2 meses, já com a plumagem e o bico negros, tem a pele do pescoço lisa, sem as proeminências transversais e rugosas da ave adulta. O primeiro vôo dá-se com 11 semanas de vida

Ordem Falconiformes

Família Accipitridae

Rupornis magnirostris (gavião-carijó) – Rapineiro observado em todas as estações, tanto em áreas de borda de mata quanto em restingas e áreas mais alteradas.

Alimentação: artrópodes, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Como método de caça de vertebrados, este gavião, assim como a maioria dos Falconiformes, mata a presa através da pressão dos dedos munidos de fortes garras.

Nidificação: Constroem o ninho, que mede cerca de 46 cm de diâmetro por 36 cm de profundidade, geralmente no topo de uma árvore, entre dois galhos verticais, com pedaços de madeira grossos e secos. Os dois ovos, esbranquiçados com manchas pardas, que medem 49 x 38 mm, são incubados pela fêmea. Durante o período de incubação, a fêmea é alimentada, durante o dia, pelo macho. Os filhotes, cobertos por uma penugem rala e de olhos abertos, nascem inteiramente dependentes dos pais.



Milvago chimango (chimango) – Ave bastante comum na área.



Alimentação: antropóides, principalmente carrapatos, frutos e, mais raramente, cadáveres; saqueia ninhos de outras aves e captura pequenos vertebrados indefesos ou depauperados.

Nidificação: constroem grandes ninhos, de ramos secos, em palmeiras ou em outras árvores. Os ovos, de 5 a 7, são redondos, pardo-amarelos com manchas pardo-vermelhas. A fêmea encarrega-se da incubação e o macho fornece-lhe o alimento durante tal período. Nos Falconiformes, o tempo de incubação é de 4 a 8 semanas; após o nascimento dos filhotes o macho continua a alimentar a fêmea e esta, por sua vez, os jovens.

Ordem Charadriiformes

Família Charadriidae

Vanellus chilensis (quero-quero) – Espécie não muito comum na área, registrada próximo à antena e a praia.

Alimentação: insetos e outros artrópodes capturados no solo.

Nidificação: folhas secas, geralmente de gramíneas, são depositadas numa rasa depressão no solo e em local seco. Os 2 a 4 ovos, pardo-amarelados e verdes com desenhos pretos, camuflam-se com o substrato. Os ovos medem 45 x 33 mm e são incubados principalmente pela fêmea. Quando nascem os filhotes, nidífugos, a fêmea alimenta-os durante alguns dias e o macho ocasionalmente o faz. Durante a incubação e cuidado com os filhotes o macho torna-se agressivo, executando vôos rasantes sobre o intruso que se aproxima. Nesta espécie pode ocorrer poligamia, quando um macho reúne 2 fêmeas que põem seus ovos num mesmo ninho.



Larus dominicanus (gaivota) – A ave marinha mais comum do litoral catarinense, observada em todos os meses.



Alimentação: animais marinhos, como pequenos peixes e crustáceos. É comum ver essas aves próximas a embarcações em busca de alimento.

Nidificação: construção dos ninhos no solo, utilizando-se gramíneas, penas e até ossos de outras aves.

Família Sternidae

Sternula superciliaris (trinta-réis-anão) – Observada nos meses de inverno na área de estudo.

Aves aquáticas, de asas longas, pernas curtas e dedos unidos por uma membrana natatória. Os machos são mais robustos. Alimentam-se de peixes e crustáceos.



Ordem Columbiformes

Família Columbidae

Columbina talpacoti (rolinha-roxa) – Observada em quase todos os meses de estudo, normalmente em áreas antrópicas e na restinga. Foi registrado um indivíduo morto na trilha oeste.



Alimentação: alimentam-se de pequenos artrópodes e sementes, principalmente de gramíneas.

Nidificação: O ninho, em forma de tigela, costuma ser construído com gravetos nos galhos de árvores pequenas ou médias. Os casais podem usar o mesmo local de nidificação varias vezes. A fêmea costuma botar de dois a quatro ovos, mas geralmente só são criados dois filhotes.

Columbina picui (rolinha, picuí) – Espécie bastante comum nas áreas antrópicas, registrada em todos os meses.

Alimentação: alimentam-se de pequenos artrópodes e sementes, principalmente de gramíneas.

Nidificação: O ninho, em forma de tigela, costuma ser construído com gravetos nos galhos de árvores pequenas ou médias. Os casais podem usar o mesmo local de nidificação varias vezes. A fêmea costuma botar de dois a quatro ovos, mas geralmente só são criados dois filhotes.



Leptotila verreauxi (juriti-pupu) – Registrada em diversas ocasiões ao longo de todas as estações. Espécie mais ouvida do que vista.



Alimentação: sementes e pequenos frutos, coletados no solo. Como os demais columbídeos, ao beber, não eleva a cabeça para sorver a água, como o fazem as outras aves.

Nidificação: macho e fêmea constroem um ninho de gravetos, a cerca de 5 m do solo, em árvore ou arbusto. Nele são postos 2 ovos brancos ou cremes a camurça-pálidos, que medem 27-33 x 21-23 mm. O casal participa da incubação, que dura cerca de 14 dias, bem como da alimentação dos filhotes que inicialmente é representada pelo "leite-do-papo".

Ordem Cuculiformes

Família Cuculidae

Piaya cayana (rabo-de-palha, alma-de-gato) – Observada em todas as estações, podendo ser vista na restinga, floresta e eventualmente em áreas antrópicas.

Alimentação: artrópodes e pequenos vertebrados, como pererecas, geralmente capturados na ramagem das árvores.

Nidificação: o ninho, em forma de panela rasa, é construído com ramos frouxamente entrelaçados e situado em árvores não muito altas, recebendo, em geral, 6 ovos brancos de 33 x 27 mm. Existe, nestes ovos, uma crosta calcária de cor branco-suja. O casal é responsável pela incubação, durante cerca de 14 dias e, posteriormente, pelo cuidado com a prole. Os filhotes permanecem no ninho aproximadamente 7 dias; durante as duas semanas seguintes movimentam-se por entre os falhos até que possam alçar vôo.



Crotophaga ani (anu-preto) – Espécie registrada em diversas ocasiões em áreas antrópicas e na restinga.



Alimentação: artrópodes e pequenos vertebrados, saqueando ninhos de pequenos pássaros. Com frequência capturam alimento no solo, ocasião em que adotam as técnicas "procuradora" e "senta e espera".

Nidificação: o ninho, que é feito com pequenos ramos e folhas, mede cerca de 30 cm de diâmetros por 13 cm de profundidade e abriga ovos de várias fêmeas; cada uma põe de 4 a 7 ovos, podendo o total atingir 20 ovos. Cada um destes, azul-esverdeado e recoberto por uma crosta calcária, mede cerca de 35 x 25 mm, representando 14% do peso da ave adulta. A incubação dura de 13 a 16 dias e os filhotes deixam o ninho com 5 dias de idade; enquanto não voam, permanecem nas proximidades do ninho subindo pelos galhos com auxílio do bico e dos pés.

Guira guira (anu-branco) – Ave bastante comum, registrada em todas as saídas, sempre em áreas antrópicas, às vezes próximo de restinga também.

Alimentação: artrópodes e pequenos vertebrados. Na busca de alimento adota apenas a técnica "procuradora".

Nidificação: o ninho, semelhante ao do anu-preto, situa-se geralmente na forquilha de uma árvore e a cerca de 5 m do solo. Os 5 a 7 ovos verde-marinhos, revestidos de uma rede calcária branca e em alto relevo, são postos em ninhos individuais ou comunitários; no último caso o número de ovos pode chegar a 20. O peso de um ovo representa 17 a 25% do peso da fêmea. É comum encontrar ovos quebrados no solo, sob os ninhos comunitários, devido à ocupação do mesmo por várias fêmeas. Além disto, como há forte competição por alimento entre os numerosos filhotes, poucos sobrevivem.



Tapera naevia (saci) – Espécie registrada em quase todas as saídas, sendo que sua presença foi sempre indicada por sua vocalização bastante característica. Ouvida em áreas de restinga, borda de floresta e áreas antrópicas.



Ordem Strigiformes

Família Strigidae

Athene cunicularia (coruja-buraqueira) – Ave bastante conspícua, observada em todas as saídas. Avistada em restinga.

Alimentação: alimenta-se principalmente de insetos, mas pode caçar pequenos roedores, répteis, anfíbios e até pássaros pequenos.

Nidificação: faz seus ninhos em cupinzeiros ou buracos de tatu, costumando cavar túneis de até 2 m e forrar o fundo com capim seco. A postura normal é de sete ovos que são incubados durante cerca de 24 dias. Ao nascer, os filhotes recebem todo o cuidado do macho, que providencia alimento e proteção. Após dois meses de vida, eles já estão aptos a viver sozinhos.



Ordem Apodiformes

Amazilia fimbriata (beija-flor-de-garganta-verde) – Chamado de cutelo por alguns moradores locais, este beija-flor é facilmente observado por toda a área de estudo, em todos os meses.



Alimentação: Néctar. Retira o alimento de orquídeas, batendo as asas 80 vezes por segundo.

Nidificação: O ninho é construído na face inferior das folhas de bananeiras e palmeiras, com paredes finas, através das quais se vêem os ovos. É feito de fragmentos filiformes de plantas, intercalados com líquens e fragmentos maiores de plantas. O tempo de incubação é de 15 dias e os filhotes permanecem no ninho por 27 dias. A época da incubação é de setembro a fevereiro.

Ordem Coraciiformes

Família Alcedinidae

Ceryle torquata (martim-pescador-grande) – Espécie observada em todas as estações.



Ordem Galbuliformes

Família Bucconidae

Nystalus chacuru (joão-bobo) – Ave típica de áreas abertas, foi registrada em duas ocasiões (final da primavera e verão) em áreas antrópicas.



Ordem Piciformes

Família Picidae

Colaptes campestris (pica-pau-do-campo) - Facilmente observado na área de restinga.
Registrado em todas as saídas.



Família Furnariidae

Furnarius rufus (joão-de-barro) – Observado em todas as saídas, é bastante comum na área de estudo.



Família Tyrannidae

Tyrannus melancholicus (siriri) – Migra para a região nos meses quentes, tendo sido registrada também no início do outono.



Pitangus sulphuratus (bem-te-vi) – Espécie bastante comum e abundante, registrada em todas as saídas, em diversos ambientes, mas principalmente em áreas antropizadas.



Família Hirundinidae

Progne tapera (andorinha-do-campo) – Observada nas áreas de restinga e abertas.



Família Troglodytidae

Troglodytes musculus (corruíra) – Ave registrada em todas as saídas, facilmente observada em áreas antrópicas e também em restinga.



Família Turdidae

Turdus rufiventris (sabiá-laranjeira) – Espécie muito apreciada como ave de gaiola ocupando desde pastagens até florestas.

Alimentação: frutos carnosos, minhocas e artrópodes.

Nidificação: constroem o ninho com fibras vegetais, adicionando um pouco de barro para melhor adesão entre elas. Os 3 ou 4 ovos são verde-azulados com pontos de sépia e medem 28 x 21 mm. O jovem, quando deixa o ninho, apresenta o peito pintalgado como outros sabiás.



Turdus amaurochalinus (sabiá-branco) – Ave comumente observada em todas as estações, desde restingas a áreas mais alteradas.



Alimentação: frutos carnosos, minhocas e artrópodes.

Nidificação: o ninho e os ovos são semelhantes aos *T. rufiventris*, embora menores.

Família Coerebidae

Coereba flaveola (cambacica) – Ave relativamente comum, observada em todas as estações.



Família Thraupidae

Tachyphonus coronatus (tié-preto) – Observada ao longo de todas as estações, habita restingas e florestas, algumas vezes também aparece em quintais.



Alimentação: frutos, sementes, flores e insetos, colhidos nas árvores a partir da altura média até o topo.

Nidificação: o ninho, em forma de tigela, é confeccionado com ramos, cipós e folhas, forrado internamente com finas raízes. Seu diâmetro externo tem 11 a 13 cm, sendo colocado na vegetação a menos de 2 m de altura. Os ovos, 2 ou 3, são róseos com manchas vermelhas e marrons, ou mesmo pretas, e medem 22 x 17 mm.

Thraupis sayaca (sanhaçu) – Registrado em todas as saídas, em áreas arborizadas.

Alimentação: frutos, folhas, brotos, flores de eucaliptos (*Eucalyptus* spp) e insetos.

Nidificação: o ninho, construído pelo casal, é escondido na vegetação densa, repousando numa forquilha de árvore, entre 1,5 e 9 m de altura. Os ovos, 3 ou raramente 2, apresentam coloridos variados: branco-amarelado, cinza, esverdeado, com manchas pardas pronunciadas ou não. A incubação é tarefa da fêmea e provavelmente do macho, durando de 12 a 14 dias. O casal alimenta os filhotes, que deixam o ninho após 20 dias de idade.



Família Emberizidae

Zonotrichia capensis (tico-tico) – Registrado em todas as saídas, normalmente na beira de pastagens e também em restinga.



Sicalis flaveola (canário-da-terra) – Registrado em todas as saídas, normalmente em áreas antrópicas e beira de estradas, às vezes também em restinga.



Família Parulidae

Geothlypis aequinoctialis (pia-cobra) – Observado principalmente em restingas e borda de floresta.



Alimentação: insetos

Nidificação: o ninho é uma tigela funda, aberta, bem feita com folhas feitas de junco externamente e raízes finas na parte interna. Os 3 ovos são brancos com poucas manchas violetas e muitos pontos vermelho-escuros reunidos em coroa num dos pólos.

Família Icteridae

Molothrus bonariensis (vira-bosta) – Espécie facilmente observada em áreas abertas e de restinga em todas as saídas.

Alimentação: insetos e sementes.

Nidificação: esta espécie não constrói ninho e a fêmea põe 4 ou 5 ovos por postura, sendo 1 no ninho de cada hospedeiro. Porém, em ninhos de sábia-laranjeira e joão-de-barro, já foram encontrados 35 e 14 ovos de chopim, respectivamente. Os ovos são de colorido uniforme e com a casca sem brilho, branco-esverdeados, vermelho-claros ou verdes, ou ainda com manchas e pintas, conforme a região geográfica. O tico-tico (*Zonotrichia capensis*) é muito parasitado e a adaptação vantajosa para o chopim é a postura de seu ovo antes, ou no mesmo dia, daquela do primeiro ovo do hospedeiro. Como o período de incubação do chopim é de 11 ou 12 dias, um a menos do que o do tico-tico, seu filhote, que é bem maior, nasce antes. Desta forma, o filhote do chopim pode eliminar do ninho seus companheiros tico-ticos ou receber mais alimento, tendo maior probabilidade de sobrevivência. Quando abandona o ninho o filhote chopim é alimentado pelos pais adotivos por 15 dias, solicitando alimento no bico através de um chamado característico, abaixando o corpo e tremulando as asas.



Família Estrildidae

Estrilda astrild (bico-de-lacre) – Observado em poucas ocasiões, sempre em áreas alteradas.



Alimentação: sementes, principalmente as de gramíneas.

Nidificação: o casal constrói o ninho, esférico ou oval, com penas, algodões e hastes de capins; as paredes são grossas e resistentes, mas não tecidas. A entrada do ninho é representada por um túnel estreito, lateral e pouco evidente devido à orientação oblíqua do material. Os 3 ovos brancos são incubados pelo casal durante 11 dias e os filhotes permanecem no ninho de 17 a 19 dias.

Família Passeridae

Passer domesticus (pardal) – Espécie estreitamente ligada à presença humana, foi registrada em todas as saídas.

Alimentação: sementes, insetos, brotos de árvores e restos de alimentos deixados pelos seres humanos.

Nidificação: o ninho é uma construção esférica com entrada lateral, frouxa e mal acabada, de capins, algodões e outras fibras, excepcionalmente feito pelo macho. Este ninho é colocado em cavidades e fendas, afastadas do solo, em árvores, telhados, postes de iluminação pública e semáforos, utilizando também ninhos de outras aves. Os 4 ovos manchados são incubados pelo casal durante 12 dias. Os filhotes são alimentados com pequenos artrópodes e abandonam o ninho com cerca de 10 dias de idade, quando passam por uma dieta vegetariana. Com frequência os filhotes retornam ao ninho para nele dormir, durante algum tempo.



BIBLIOGRAFIA

- Ave-Lallemant, R. 1859 [1953]. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. Vol. 2. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Brasil, 360pp.
- Albuquerque, J. L. B.; Brüggemann, F. M. 1996. A avifauna do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Santa Catarina, Brasil e as implicações para sua conservação. **Acta Biologica Leopoldensia**, 18 (1): 47-68.
- Bege, L. A. R.; Marterer, B. T. P. 1991. **Conservação da avifauna na região sul do Estado de Santa Catarina**. FATMA, Florianópolis, Brasil, 54pp.
- de la Peña, M. R.; Rumboll, M. 1998. **Birds of southern South America and Antarctica**. Harper Collins Publishers, London, UK, 304pp.
- CBRO [Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos]. 2005. **Listas das aves do Brasil**. Versão 22/3/2007. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em 10 de outubro de 2007.
- Dunning, J. S. 1987. **South American Birds: a photographic aid to identification**. Harrowood Books, Pennsylvania, USA, 351pp.
- Marterer, B. T. P. 1996. **Avifauna do Parque Botânico do Morro do Baú**. FATMA, Florianópolis, Brasil, 74pp.
- Naka, L. N.; Mazar Barnett, J.; Kirwan, G. M.; Tobias, J. A.; Azevedo, M. A. G. 2000. New and noteworthy bird records from Santa Catarina state, Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 120 (4): 237-250.
- Naka, L. N.; Rodrigues, M. 2000. **As aves da Ilha de Santa Catarina**. Editora da UFSC, Florianópolis, Brasil, 294pp.
- Naka, L. N.; Rodrigues, M.; Roos, A. L.; Azevedo, M. A. G. 2002. Bird conservation on Santa Catarina Island, Southern Brazil. **Bird Conservation International**, 12: 123-150.
- Narosky, T.; Yzurieta, D. 1987. **Guía para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay**. Vazques Mazzini Editores, Buenos Aires, Argentina, 345pp.
- Pacheco, J. F.; Laps, R. R. 2001. Notas sobre primeiros registros de seis espécies de Suboscines de Santa Catarina a partir de coleções seriadas, incluindo uma ocorrência não divulgada. **Tangara**, 1(4):169-171.
- Piacentini, V. Q.; Straube, F. C.; Campbell-Thompson, E. R.; Rocha, H. J. F. 2004. Novo registro da noivinha-branca, *Xolmis velatus* (Tyrannidae), em Santa Catarina, Brasil, ao sul de sua distribuição. **Ararajuba – Revista Brasileira de Ornitologia**, 12 (1): 59-60.
- Ralph, C. J.; Geupel, G. R.; Pyle, P.; Martin, T. E.; DeSante, D. F. 1993. **Handbook of field methods for monitoring landbirds**. Gen. Tech. Rep. PSW-GTR-144. Pacific Southwest Research Station, Forest Service, U.S. Department of Agriculture, Albany, CA, USA, 41pp.
- Reitz, R.; Rosário, L. A.; Russel, J. S. 1982. Restauração da fauna desaparecida da baixada do Maciambu. **Sellowia – Série Zoologia**, 2: 1-209.
- Ridgely, R. S.; Tudor, G. 1989. **The birds of South America. v.1, The Oscine passerines**. University of Texas Press, Austin, USA, 516pp.

Ridgely, R. S.; Tudor, G. 1994. **The birds of South America. v.2, The Suboscine passerines.** University of Texas Press, Austin, USA, 814pp.

Rosário, L. A. do. 1996. **As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente.** FATMA, Florianópolis, Brasil, 326pp.

Schiefler, A. S.; Soares, M. 1994. Estudo comparativo da avifauna das praias de Navegantes e Laguna, Santa Catarina. **Biotemas**, 7 (1 e 2): 31-45.

Seixas, C. S. 2002. **Social-ecological dynamics in management systems: investigating a coastal lagoon fishery in southern Brazil.** PhD thesis, University of Manitoba, Canada, 265pp.

Sick, H. 1997. **Ornitologia Brasileira.** Edição revista e ampliada por J. F. Pacheco. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil, 862pp.

Sick, H.; Rosário, L. A. do; Azevedo, T. R. 1981. Aves do Estado de Santa Catarina. Lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. **Sellowia – Série Zoologia**, 1: 1- 51.